

Da tradição à contemporaneidade na alfaiataria: costurando memórias e territórios

From Tradition to Contemporary Tailoring: Stitching Memories and Territories

Bárbara Toffanetto Gomes Lopes¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4617-0960>

Rachel de Sousa Vianna²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9022-8687>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.2027>

[resumo] O artigo propõe uma reflexão sobre a alfaiataria como campo de produção de saberes e identidades, investigando suas transformações entre a tradição e a contemporaneidade a partir de um recorte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPG Artes/UEMG). Adotando uma perspectiva autoetnográfica, a pesquisa se debruça sobre a experiência de Bárbara Toffanetto como alfaiate e artista para traçar um paralelo entre o ofício em Londres, Inglaterra, e em Belo Horizonte, Brasil. O estudo examina como as técnicas e relações de trabalho revelam dinâmicas de gênero e poder historicamente consolidadas; aborda a inserção das mulheres na alfaiataria e destaca como suas presenças e experiências têm contribuído para ressignificar modos de fazer, relações laborais e imaginários associados ao ofício. Assim, a alfaiataria se apresenta como espaço de encontro entre práticas manuais e processos criativos, onde o fazer artesanal assume dimensões políticas, poéticas e afetivas, revelando potências de transformação no tempo presente.

[palavras-chave] **Alfaiataria. Gênero. Trabalho. Tradição. Contemporaneidade.**

¹ Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGArtes/UEMG), 2025. Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. E-mail: bahtoff@gmail.com. Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3232122500743480>

² Mestre em Arte/Educação pela Universidade do Texas e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. É professora da Escola Guignard e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Líder do grupo de pesquisa "Opcevê! Laboratório de Aprendizagem Poética". E-mail: rachel.vianna@uemg.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2162579769017244>

[abstract] This article proposes a reflection on tailoring as a field of knowledge and identity production, investigating its transformations between tradition and contemporaneity based on an excerpt from a master's thesis developed in the Postgraduate Program in Arts at the State University of Minas Gerais (PPG Artes/UEMG). Adopting an autoethnographic perspective, the research focuses on Bárbara Toffanetto's experience as a tailor and artist to draw a parallel between the craft in London, England, and in Belo Horizonte, Brazil. The study examines how techniques and work relationships reveal historically consolidated gender and power dynamics, addresses the inclusion of women in tailoring, and highlights how their presence and experiences have contributed to re-signifying ways of doing things, labor relations, and imaginaries associated with the craft. Thus, tailoring presents itself as a meeting space between manual practices and creative processes, where artisanal work takes on political, poetic, and affective dimensions, revealing transformative potential in the present time.

[keywords] **Tailoring. Gender. Labor. Tradition. Contemporaneity.**

Recebido em: 05-01-2026

Aprovado em: 11-06-2026.

Alinhavo: uma pesquisa autoetnográfica sobre alfaiataria

A alfaiataria vai muito além de um estilo de roupa ou uma técnica de costura: é uma prática histórica que está profundamente entrelaçada com a evolução social, cultural e estética da humanidade. Tendo iniciado nos tempos medievais, quando os primeiros alfaiates começaram a criar peças sob medida para a elite europeia, a alfaiataria gradativamente se tornou um símbolo de precisão, elegância e individualidade. Ao longo dos séculos, esse ofício se firmou como uma forma refinada de arte manual, na qual o trabalho personalizado e a atenção aos detalhes são altamente valorizados. Cada fase do processo, desde o corte até o acabamento, não só depende de habilidade técnica, como também de uma sensibilidade em relação ao corpo, ao estilo e à identidade do usuário.

A singularidade da roupa produzida por um alfaiate vai além da personalidade de quem a usa, trazendo também um pouco de quem as fez. Cada oficial da alfaiataria tem suas técnicas e seus passos para a construção das peças. Assim como há traços específicos que distinguem nossa caligrafia, esses profissionais têm cada um seu jeito de usar a agulha, o alinhavo varia de um para outro e, para as pessoas do meio, é possível identificar claramente quem fez determinada peça. A alfaiataria artesanal sob medida, portanto, torna-se a expressão íntima e pessoal do artífice, que, ao criar uma peça única para um indivíduo, imprime nela sua visão estética e sua habilidade manual. Cada detalhe, desde a escolha da técnica a ser aplicada até o corte preciso, revela o olhar do artífice como criador, moldando a roupa não apenas para se ajustar ao corpo, mas também para refletir a personalidade do usuário.

Tradicionalmente, a formação do alfaiate se dá através da experiência, iniciando na relação mestre e aprendiz. São necessários anos de aprendizado para se tornar um mestre alfaiate, e esse reconhecimento depende de dominar todas as etapas e processos da produção no ateliê, quando o profissional se torna a grande referência de conhecimento entre os oficiais: aquele que domina o corte (modelagem), as provas e o atendimento direto com o cliente. Ao percorrer um longo percurso de prática e refinamento, o mestre alfaiate configura um exemplo emblemático do artífice, conforme descrito por Richard Sennett (2009). Segundo esse renomado sociólogo e historiador, toda habilidade artesanal se fundamenta em uma competência cuidadosamente desenvolvida ao longo do tempo.

Ainda de acordo com Sennett, estimativas sugerem que são necessárias cerca de dez mil horas de prática para formar um mestre em ofícios como a marcenaria ou a música. À medida que se avança nesse processo, a habilidade se torna mais afinada com os desafios específicos da atividade. Os iniciantes tendem a focar unicamente em manipular ferramentas e materiais de forma adequada. Nos níveis mais avançados, a técnica deixa de ser algo meramente mecânico: os indivíduos desenvolvem a capacidade de sentir profundamente e refletir de forma crítica sobre suas ações quando as realizam com excelência. Esse momento, que pode ser visto por muitos como mera intuição, consiste em um processo que requer um conhecimento extremamente íntimo com o fazer. Para além do domínio técnico, o que caracteriza o artífice é o compromisso ético e intelectual com o seu trabalho.

O artífice representa uma categoria mais abrangente que a do artesão; ele simboliza, em cada um de nós, o desejo de realizar bem um trabalho, concretamente, pelo prazer da coisa benfeita. Os avanços da alta tecnologia refletem um antigo modelo de habilidade artesanal, mas a realidade concreta é que aqueles que aspiram ser bons artífices são desvalorizados, ignorados ou mal compreendidos pelas instituições sociais (Sennett, 2009, p. 164).

A constatação da desvalorização do saber manual por meio da vivência prática do método tradicional de formação como alfaiate constituiu o propulsor inicial do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPG Artes/UEMG). Partiu-se da premissa de que, diante das mudanças do mercado e das pressões da industrialização e da produção em massa, a continuidade da alfaiataria depende do reconhecimento do papel do alfaiate e, com isso, do trabalho manual. Mais do que apenas alguém que executa técnicas, o alfaiate é o verdadeiro elo entre o passado e o presente de um conhecimento tradicional, mantendo viva uma prática artesanal que guarda um rico universo simbólico e cultural, construído por gestos passados de geração em geração, saberes acumulados ao longo do tempo e um profundo entendimento dos materiais, das formas e das necessidades humanas.

A pesquisa adotou uma abordagem autoetnográfica, que valoriza a experiência do autor em articulação com dados, reflexões teóricas e referências da literatura relevante (Ellis; Adams; Bochner, 2011, p. 275 *apud* Cano; Opazo, 2014, p. 149). Nesse sentido, a trajetória de Bárbara Toffanetto como alfaiate, artista e pesquisadora não é apenas um ponto de partida, mas constitui o próprio corpo da investigação. Assim, a observação e a descrição continuam sendo elementos centrais da pesquisa, mas ela se reconhece também como integrante do próprio objeto de investigação, aliando as reflexões sobre sua

vivência a uma investigação bibliográfica sobre a história da profissão e suas transformações ao longo do tempo.

É importante ressaltar que, embora a pesquisa autoetnográfica seja ancorada na vivência do investigador, o objetivo não é que ela se limite a um relato restrito ou superficial. No texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lescov”, Walter Benjamin (1987) identifica traços do narrador nos trabalhos do escritor russo Nicolai Lescov. Segundo o autor, a capacidade de tecer relatos que possibilitam comunicar experiências estão cada vez mais raras, levando à extinção da arte de narrar. Ao refletir sobre o ofício da alfaiataria como um saber tradicionalmente transmitido de geração em geração por meio da experiência, é possível associá-lo diretamente à perspectiva de Walter Benjamin. Para o autor, a narrativa carrega a sabedoria da experiência vivida, compartilhada oralmente ou por meio da prática, e é nesse gesto de transmissão do conhecimento que se mantém vivo. Segundo Benjamin:

No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. Aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram (Benjamin, 1987, p. 199).

Assim, nada mais coerente do que abordar o ofício da alfaiataria a partir do próprio processo de aprendizado de Toffanetto e de sua formação e atuação profissional como alfaiate. A pesquisa percorre um caminho de transformação profissional e pessoal, em que o estudo do corpo se apresenta com intensidade em seus processos de trabalho, com uma contínua busca entre novos mestres especialistas em modelagem, publicações e técnicas que possibilitem uma melhor vestibilidade das peças desenvolvidas em seu ateliê. Por ser mulher em uma profissão historicamente masculina, sua trajetória de trabalho e aprendizado foi atravessada por experiências marcadas por tensões de gênero, o que interfere significativamente na forma como viveu e compreendeu esses processos. Essas vivências não apenas moldaram seu percurso, mas oferecem uma perspectiva diferenciada à pesquisa, revelando camadas que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas em narrativas dominantes.

Esse artigo apresenta um recorte do estudo realizado para a dissertação de mestrado de Bárbara Toffanetto sob orientação de Rachel Vianna. Respeitando o formato característico da escrita autoetnografia, as seções a seguir utilizam da narrativa em primeira pessoa para focar no percurso de formação de Bárbara em dois contextos. O primeiro envolve seu aprendizado como estudante do curso de verão Alfaiataria *Bespoke* Inglesa na *The Arts University Bournemouth*, localizada em Londres/ UK, no ano de 2012. Com carga horária de 120 horas, o curso focava na construção do paletó nas técnicas artesanais tradicionais inglesas, oferecendo aos estudantes a oportunidade de conhecer de perto a meticulosidade, o talento artesanal e o charme que fazem da alfaiataria inglesa uma referência mundial. Um ponto alto dessa experiência foi a visita guiada pelo coordenador do curso ao ateliê Dege & Skinner, especializado em uniformes militares e localizado na tradicional Savile Row, a rua das alfaiatarias em Londres. O segundo cenário compreende a vivência de Toffanetto como

aprendiz e profissional da alfaiataria na cidade de Belo Horizonte, no Brasil. Na capital de Minas Gerais, ela aprendeu o ofício seguindo os caminhos tradicionais, por meio de uma formação baseada na relação entre mestre e aprendiz. Foi um processo essencialmente prático, no qual atuou em diversos ateliês ao lado de profissionais experientes, cada um com sua própria maneira de trabalhar e transmitir conhecimento.

Com base nas vivências de Toffanetto, o artigo propõe uma comparação entre a alfaiataria inglesa e a mineira, destacando semelhanças e diferenças, e refletindo sobre como as tradições e práticas se manifestam em contextos distintos. Por fim, discute sobre a divisão do trabalho na alfaiataria. Tradicionalmente um universo masculino, esse ofício passou a contar, ao longo do tempo, com a presença cada vez mais significativa das mulheres. Inicialmente inseridas em funções de apoio, elas conquistaram gradualmente espaços de protagonismo, assumindo papéis de liderança, criação e gestão.

Entre fios e territórios: a alfaiataria entre a Inglaterra e o Brasil

Segundo Anne Hollander (1996), a história da alfaiataria tem início na Europa medieval, entre os séculos XII e XIV, quando o vestuário começou a deixar de ser apenas funcional e passou a desempenhar um papel simbólico e social mais evidente. Diferente das túnicas soltas usadas até então, surgem as primeiras roupas ajustadas ao corpo, que exigiam técnicas específicas de corte e costura. É nesse contexto que o trabalho do alfaiate passou a se destacar. Esses profissionais passaram a desenhar peças de vestuário moldadas ao corpo, fato que marcou o início da prática que hoje conhecemos como alfaiataria. Inicialmente voltado para a nobreza e o clero, esse ofício era associado ao status e ao poder, consolidando a roupa como forma de distinção social.

Um marco essencial na história da alfaiataria foi a formação das corporações de ofício, também conhecidas como guildas. Surgidas na Europa durante a Baixa Idade Média, principalmente entre os séculos XII e XV, essas associações eram responsáveis por organizar, regulamentar e proteger as atividades dos artesãos de uma determinada profissão, incluindo os alfaiates. Essas corporações protegiam o conhecimento técnico da profissão e garantiam a manutenção do prestígio da alfaiataria.

No contexto renascentista (séculos XV e XVI), a alfaiataria ganhou impulso com o florescimento das cortes europeias, especialmente na França e na Itália. Naquele cenário, os trajes se tornaram cada vez mais complexos, refletindo o gosto refinado da sociedade de corte. Os alfaiates não apenas produziam as peças, mas também interpretavam os códigos de vestimenta da época, adaptando-os ao corpo e à posição social de cada “cliente”. O domínio técnico exigido já era elevado, e o prestígio da profissão crescia junto à sofisticação dos trajes. O título de *maître tailleur* (mestre alfaiate) conferia status social elevado, sendo muitas vezes vinculado à nobreza ou ao serviço direto das cortes reais.

Até então, segundo Hollander (1996), as roupas eram costuradas apenas por alfaiates, tanto femininas como masculinas. A guilda era formada por homens, empregando mulheres apenas para pequenos trabalhos manuais como bordados. A distinção entre a costura e alfaiataria passou a surgir em 1675, durante o reinado de Luís XIV, quando um grupo de costureiras francesas solicitou autorização para criar sua própria guilda, dedicada exclusivamente à confecção de vestimentas femininas. A justificativa era o desconforto das mulheres

ao experimentar roupas na presença de alfaiates homens. A partir dessa mudança, consolidou-se uma divisão de funções: os alfaiates passaram a se concentrar nas peças masculinas, enquanto as mulheres assumiram a produção do vestuário feminino. A única exceção eram os corpetes, que continuaram sob responsabilidade dos homens devido à complexidade técnica de sua estrutura, semelhante à construção de armaduras.

A divisão de gênero na produção das roupas gerou impactos significativos na história da alfaiataria, que passou a ser reconhecida como uma prática de alta precisão técnica e grande prestígio. A partir desse momento, o vestuário masculino começou a evoluir com mais rapidez, ganhando formas mais refinadas e racionais. Enquanto isso, as roupas femininas seguiram por um caminho oposto, destacando-se pelo exagero no volume e pela ostentação visual.

No universo da vestimenta masculina, havia um esforço constante para preservar padrões estéticos que valorizassem a harmonia entre proporções, linhas e estrutura. O alfaiate ideal era aquele capaz de captar com sensibilidade os desejos de seu cliente e traduzi-los em peças equilibradas, discretas e bem construídas. Segundo Hollander (1996), as alterações no estilo, dentro de qualquer ofício artesanal, tendem a acontecer de forma gradual, já que os recursos utilizados e os métodos tradicionais exercem uma influência estabilizadora sobre as mudanças de gosto. A prática habitual funciona como uma força moderadora, impedindo que inovações impulsivas se imponham de maneira abrupta.

Já na moda feminina, as costureiras tinham mais liberdade criativa, podendo ultrapassar as convenções com criações marcadas por exageros e teatralidade, contrastando com a contenção e a lógica presentes na alfaiataria masculina. Ainda de acordo com Hollander (1996), durante a primeira metade do século XVIII, a moda masculina priorizava mais a ostentação do status social do que o conforto ou a expressão criativa. As roupas eram projetadas principalmente para comunicar a posição do indivíduo na hierarquia social, muitas vezes em detrimento da mobilidade e da praticidade. No entanto, na segunda metade do século, houve uma mudança significativa, especialmente entre a aristocracia inglesa, que passou a valorizar formas mais discretas e elegantes, favorecendo a sobriedade e a simplicidade em oposição ao excesso decorativo.

O século XIX marcou o apogeu da alfaiataria clássica, com a consolidação do terno moderno, formado por paletó, colete e calça, como símbolo de elegância masculina. Esse movimento esteve intimamente ligado às transformações econômicas e sociais impulsionadas pela Revolução Industrial. Com o crescimento do capitalismo e o fortalecimento da burguesia urbana, emergiu uma nova classe social que valorizava a eficiência, a discrição e a funcionalidade, características que se refletiram diretamente no vestuário. Diferente da ostentação aristocrática dos séculos anteriores, a nova elite econômica buscava trajes que expressassem sobriedade, respeito e profissionalismo. O terno, com seu corte mais despojado, linhas retas e cores escuras, tornou-se o uniforme ideal do homem moderno, principalmente, no ambiente urbano e nos novos centros financeiros e administrativos. A alfaiataria, então, se adaptou a esse novo perfil de cliente, consolidando o terno como símbolo de status, racionalidade e progresso, alinhado ao espírito do tempo industrial e burguês.

Esse período é especialmente importante pela ascensão da Savile Row, reconhecida rua das alfaiatarias em Londres, que se tornaria referência mundial em alfaiataria sob medida. O nascimento da alfaiataria britânica sob medida foi inspirado no traje de equitação

“honesto” dos cavalheiros ingleses, o qual era cortado em tecido de lã nativo. Os alfaiates ingleses abordaram uma estética padronizada, com cortes estruturados e uma atenção milimétrica à construção das peças, trazendo a sobriedade característica inglesa aos trajes masculinos. Nesse contexto, a moda feminina passou a ter como capital a França, e a Inglaterra se tornou a referência em alfaiataria masculina.

Com a popularização do terno moderno no século XIX, sua forma básica passou por poucas mudanças significativas ao longo dos anos. A durabilidade desse modelo se deve, em grande parte, à solidez dos princípios técnicos da alfaiataria tradicional, que sempre valorizou a precisão no corte, o ajuste personalizado ao corpo e a estética sóbria como marcas de excelência. Mesmo com as transformações culturais, sociais e econômicas do século XX, a alfaiataria manteve-se fiel aos seus processos artesanais e à sua lógica organizacional, que se baseia na divisão de tarefas. Cada etapa da confecção, desde o corte do tecido até a costura final, é realizada por profissionais especializados. Essa estrutura ajudou a preservar o alto nível de qualidade das peças, garantindo que a tradição se mantivesse firme, mesmo com a industrialização dos processos produtivos.

Um aspecto essencial para a permanência da alfaiataria como um ofício de excelência foi a transmissão do saber através da relação mestre-aprendiz. O aprendizado não se dava por métodos teóricos ou padronizados, mas sim por meio da experiência direta na oficina, onde o aprendiz absorvia os conhecimentos técnicos, a sensibilidade estética e o rigor artesanal observando e auxiliando o mestre. Esse modelo formativo criou uma linhagem contínua de alfaiates altamente qualificados, responsáveis por preservar e aperfeiçoar os métodos tradicionais ao longo das gerações. Segundo Sherwood (2010), a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais contribuíram significativamente para a redução do número de alfaiates na Inglaterra. Durante esses períodos, muitos homens foram convocados para o serviço militar, incluindo profissionais qualificados como alfaiates. Além disso, a economia de guerra priorizou a produção em massa e a padronização de uniformes, o que diminuiu a demanda por roupas sob medida.

Após a Revolução Industrial, a maneira de produzir roupas mudou radicalmente, afetando diretamente as alfaiatarias tradicionais. Com a introdução de máquinas e técnicas de produção em larga escala, o vestuário passou a ser fabricado de forma padronizada, dando origem ao conceito de “pronto para vestir” (*ready-to-wear*). Isso tornou os ternos mais acessíveis, rápidos de produzir e disponíveis em lojas para pronta-entrega, eliminando a necessidade de encomendas sob medida.

Como resultado, a demanda pelos serviços personalizados dos alfaiates caiu consideravelmente. Diante desse novo cenário, as alfaiatarias precisaram se reinventar para não desaparecer. Muitas delas adaptaram seus serviços, oferecendo ajustes em peças prontas ou criando modelos semiprontos que equilibravam personalização e praticidade. Outras se voltaram para um público mais exigente, que buscava exclusividade, qualidade artesanal e elegância sob medida. Em vez de desaparecer, a alfaiataria encontrou um novo espaço: o do luxo, da tradição e da atenção aos detalhes, contrastando com a produção em massa da indústria da moda.

Assim, mesmo em meio à padronização, a alfaiataria conseguiu se destacar e se manter relevante. A Savile Row se manteve firme como referência mundial em alfaiataria de alto padrão. Enquanto muitas alfaiatarias precisaram se adaptar ao novo modelo industrial ou

fechar as portas, os ateliês estabelecidos no local continuaram fiéis à confecção artesanal sob medida, preservando técnicas clássicas que foram passadas de geração em geração. A Savile Row se destacou por resistir à padronização, mantendo a excelência no corte, nos acabamentos e na personalização de cada peça.

As alfaiatarias inglesas dividem suas técnicas em dois principais métodos: *Bespoke* e sob medida. Segundo Roetzel (2010), o Bespoke é o método mais exclusivo, no qual cada terno é feito de forma única, com uma análise minuciosa de proporções, para um cliente específico, com todos os detalhes adaptados às suas necessidades e preferências pessoais. Neste processo, o alfaiate trabalha diretamente com o cliente, criando uma peça que é, literalmente, feita “de um para um”, sem uso de padrões ou moldes pré-existentes, pode levar entre 50 e 80 horas de trabalho artesanal, dependendo da complexidade do modelo e do alfaiate responsável, com um prazo total de 8 a 15 semanas para entrega.

Já o método sob medida (ou *made-to-measure*) utiliza moldes pré-estabelecidos, que são ajustados para o cliente, oferecendo um caimento mais personalizado, mas não com o nível de exclusividade e detalhamento do Bespoke. O terno Bespoke inglês se tornou uma referência mundial em qualidade e na preservação dos conhecimentos tradicionais da alfaiataria. Hoje, ele é usado mundialmente, mas reconhecido com excelência na Inglaterra e Itália.

Mais do que um polo de excelência na produção de vestuário, a alfaiataria inglesa estabeleceu-se como um referencial pedagógico e cultural que moldou a formação de profissionais ao redor do mundo. Ao longo do tempo, consolidou um repertório técnico e estético que ainda orienta práticas contemporâneas. Seu legado ultrapassa os limites do traje em si, traduzindo valores como rigor, tradição e continuidade, mesmo diante das constantes mudanças nos modos de vestir e nas dinâmicas da moda.

Uma visita técnica à Savile Row

Um simples passeio pela famosa Savile Row permite notar o respeito pelas tradições, com alfaiatarias que variam de acordo com suas especialidades. Algumas se dedicam a uniformes militares, outras a trajes de caça, e há aquelas que apostam em um design mais contemporâneo. O que realmente chama a atenção, porém, é o processo de confecção, que se torna o protagonista das vitrines. É possível ver ali peças em diferentes estágios de produção, mostrando que, naquele ateliê, cada terno é feito de forma artesanal. E, ao olhar pelas janelas do subsolo das lojas, pode-se entrever alfaiates trabalhando manualmente, totalmente imersos no ofício que mantém viva a essência da alfaiataria clássica.

A visita técnica organizada pela *The Arts University Bournemouth* possibilitou a observação do funcionamento dos ateliês em um nível de detalhamento muito mais amplo. No processo artesanal, a estrutura interna da peça é constituída por entretelas de crina e mantas de algodão, a lapela é moldada com pequenos pontos, as camadas são conectadas por alinhavos de linha de algodão não trançada, uma linha delicada que não marca a trama do tecido e que permite a remoção após a finalização do processo. Essa técnica tradicional e artesanal é conhecida mundialmente como *Full-Canvas*.

Ao visitar o ateliê Dege & Skinner, casa especializada em uniformes militares, meus colegas e eu fomos recebidos pelo presidente da casa, que apresentou o funcionamento do espaço. Ao entrar, nos deparamos com uma sala de vendas, onde todas as possibilidades de tecidos, produtos de joalheria, gravatas e uma linha de camisas pronta-entrega são expostos.

Em um espaço ornamentado com móveis de madeira, a imagem que atraiu meu olhar foi o local de trabalho do cortador de camisas, que ficava no final da sala de atendimentos, ao lado dos provadores. O mestre camiseiro trabalhava sob a luz elegante do local, cortando uma camisa listrada e, para isso, usava uma grande tábua de madeira e uma faca de lâmina arredondada, instrumento que permite cortar o tecido listrado com precisão, para que em todas as costuras da camisa a padronagem se encaixe perfeitamente. O resultado da aplicação da técnica podia ser observado na própria camisa que o camiseiro vestia.

FIGURA 1 - MESA DO MESTRE CAMISEIRO.



FONTE: Acervo da autora, 2012.

O mestre de corte e diretor criativo do ateliê continuou a guiar a turma pelo espaço, levando os estudantes para as salas de produção. Um ambiente exclusivo era dedicado ao corte de calças, enquanto outro era reservado para o corte de paletós. Os oficiais trabalhavam sentados em suas bancadas, realizando tarefas manuais, todos muito elegantes em seus trajes sob medida. É bastante comum nas alfaiatarias tradicionais trabalhar sentado no chão ou sobre a mesa, pois essa posição, segundo os oficiais, ajuda na execução das costuras, permitindo um melhor controle do peso do tecido, que se espalha ao redor, além de facilitar o acesso às ferramentas. Embora possa parecer estranho, essa postura é considerada ergonômica e confortável após um tempo de prática.

Encantada com os processos e o ambiente de trabalho, me emocionei profundamente quando o mestre alfaiate apresentou seu paletó, um casaco de lã com um forro de seda feito a partir de um lenço que pertenceu à sua esposa falecida. Ele compartilhou que, assim, ela estaria sempre presente toda vez que ele vestisse a peça. Foi nesse momento que percebi a riqueza de significados e memórias que permeavam aquele mundo; decidi tornar-me alfaiate e retornar ao Brasil com o propósito de ingressar na profissão.

FIGURA 2 - OFICIAIS TRABALHANDO SENTADOS NAS MESAS.



FONTE: Acervo da autora, 2012.

A Alfaiataria no Brasil

Inicialmente, a alfaiataria no Brasil era uma prática restrita às elites, que queriam imitar o estilo europeu em solo nacional. Com o passar do tempo, o ofício começou a se moldar às condições locais, como o clima tropical e a variedade de materiais disponíveis. Os processos de imigração trouxeram ao Brasil alfaiates de países europeus, como Itália e Alemanha, estabelecendo esses profissionais e processos no mercado de alfaiataria do país. Essa fusão cultural, junto com as necessidades específicas da população brasileira, resultou em uma alfaiataria com características únicas, mas que ainda mantém uma conexão forte com as tradições da profissão.

Ao voltar a Belo Horizonte depois do curso de Alfaiataria Bespoke Inglesa, ainda em 2012, me deparei com uma realidade profissional muito diferente da que me encantou na Inglaterra. Meu primeiro contato com a alfaiataria no Brasil foi como estagiária em um ateliê cujo dono é conhecido como sendo um grande mestre alfaiate. Contudo, ele não era realmente um profissional do ofício, atuava com vendas e repassava a produção para um mestre que comandava o corte e a equipe de oficiais. Esta condição expressa o contraste com o contexto inglês, pois naquele país, para ser considerado alfaiate é preciso exercer o saber

prático do ofício. Em Belo Horizonte, os profissionais que atuavam na produção do ateliê, em sua maioria já aposentados, não recebiam o devido reconhecimento por seu ofício. Muitos continuavam trabalhando em condições precárias, sem acesso a direitos trabalhistas e com salários baixos, desproporcionais à complexidade e à qualidade do trabalho que realizavam.

FIGURA 3 - ALFAIATE EM ATELIÊ NO BRASIL.



FONTE: Acervo da autora, 2012.

Além disso, as técnicas tradicionais que dominavam já haviam sido amplamente substituídas por processos industrializados. A entretela de crina (um dos elementos que confere estrutura e durabilidade às peças artesanais), por exemplo, foi trocada por um material termocolante, que adere ao tecido por meio de alta temperatura e pressão. Com isso, eliminam-se muitos dos alinhavos e pontos de estruturação feitos à mão. A lapela passa a ser moldada pela pressão do ferro, e a crina, quando utilizada, restringe-se a uma pequena camada localizada apenas no peito do paletó, perdendo-se, assim, boa parte da complexidade técnica e do valor simbólico que caracterizam a alfaiataria artesanal.

Diferente da alfaiataria inglesa, que, para sobreviver às transformações do mercado após a Revolução Industrial passou a valorizar o processo artesanal e a reforçar o conceito de exclusividade e excelência do ofício, nos ateliês em Belo Horizonte, os alfaiates seguiram um caminho distinto. Aqui, muitos profissionais adotaram técnicas industriais com o objetivo de reduzir os custos de produção e tornar os valores da alfaiataria mais próximos aos do terno pronto, fabricado em escala pela indústria. Essa adaptação visava manter a competitividade diante da crescente popularização do vestuário industrializado, ainda que isso significasse o afastamento de práticas manuais tradicionais que conferiam identidade e qualidade singular às peças.

Segundo Luiz Antônio Cunha (2000), o passado escravagista no Brasil criou uma associação entre o trabalho manual e a condição de escravizado. Nas palavras de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2015, p. 95), “numa sociedade escravocrata, todo trabalho físico e que demandasse esforço era considerado aviltante, e assim relegado aos africanos”. Esse processo contribuiu para a formação de um forte preconceito contra o trabalho manual, considerado socialmente inferior no país. Essa herança histórica ajuda a compreender a desvalorização de ofícios artesanais no país, incluindo a alfaiataria. Apesar de exigir conhecimento técnico, experiência e domínio de práticas especializadas, o trabalho do alfaiate passou a ser frequentemente percebido como um trabalho manual de menor prestígio. Assim, a alfaiataria, como outros ofícios artesanais, foi marcada por um contexto histórico em que saberes do fazer, construídos na prática e transmitidos entre gerações, foram socialmente subestimados em razão da associação histórica entre trabalho manual e hierarquias sociais herdadas do período escravista.

Os alfaiates que tive a oportunidade de conhecer no Brasil compartilharam que as técnicas manuais que ela [Bárbara Toffanetto] aprendeu na Inglaterra eram, de fato, utilizadas quando começaram a aprender alfaiataria. O processo *Full-Canvas* era por eles nomeado de paletó “enquartado”. Contudo, com o tempo, tais técnicas sofreram modificações. Essas mudanças tornaram o trabalho mais fácil e prático, adaptando-o às novas demandas do mercado. Alguns deles relataram que, com essas transformações, nunca mais desejaram retornar ao método artesanal, preferindo os processos mais rápidos e menos complexos que haviam adotado ao longo dos anos.

FIGURA 4 - ESTRUTURA INTERNA PALETÓ ARTESANAL CONFECCIONADO NO CURSO NA INGLATERRA E PALETÓ FUSIONADO PRODUZIDO NO BRASIL.



FONTE: Acervo da autora, 2025.

Outro desafio enfrentado pelas alfaiatarias no Brasil se tornou a aquisição de matéria-prima. A maioria dos materiais utilizados na confecção de ternos artesanais são importados, tais como tecidos de lã fria, forros de alta qualidade, entretelas naturais e botões específicos, o que torna o acesso difícil e caro. Essa dependência de insumos estrangeiros limita tanto a produção quanto a competitividade das alfaiatarias locais, dificultando a manutenção da tradição da alfaiataria sob medida no país.

Ao iniciar minha atuação na alfaiataria em Belo Horizonte, presenciei a redução crescente das lojas especializadas em tecidos e aviamentos de alfaiataria. Apenas dois fornecedores locais forneciam esses materiais: a Casimiras Josheph Pitchon, aberta em 1955, fechou as portas em 2012; a loja Carvalho Tecidos e Aviamentos, aberta em 1996, encontra-se em funcionamento até hoje, embora não possua material específico de alfaiataria. Dessa forma, os principais fornecedores do Brasil, que ainda vendem matéria-prima importada e nacional, estão localizados em São Paulo. Com a dificuldade de acesso à matéria-prima importada, as alfaiatarias mineiras – e possivelmente as de outros estados – precisaram se adaptar para manter a produção ativa. Uma das principais estratégias foi a substituição de materiais importados por tecidos nacionais, como algodões e misturas sintéticas, mesmo que, em muitos casos, esses materiais não ofereçam a mesma qualidade das tradicionais lãs inglesas ou italianas.

Segundo Sennett (2009), o trabalho do artífice não é apenas uma repetição de técnicas aprendidas, mas um processo contínuo de adaptação e experimentação. À medida que os materiais mudam, seja por escassez, seja por inovação, o artífice precisa desenvolver novas formas de manipulação, explorando possibilidades que, muitas vezes, escapam ao controle inicial. O autor enfatiza que o bom artesão aprende com a resistência do material, ou seja, com as dificuldades que ele impõe, refinando suas habilidades a partir do diálogo com a matéria.

Essa metamorfose é também um reflexo da modernidade: com a industrialização, muitos materiais passaram a ser padronizados e processos automatizados, o que, para Sennett (2009), empobreceu em parte a relação sensível entre o criador e o objeto. No entanto, o autor argumenta que a habilidade artesanal pode coexistir com a inovação, desde que o artesão mantenha uma postura aberta ao aprendizado contínuo, à improvisação e ao cuidado com os detalhes. O verdadeiro artífice é aquele que se adapta sem perder o compromisso com a qualidade, o domínio técnico e o valor essencial do trabalho bem-feito.

O caminho como aprendiz em Belo Horizonte

Aprender o ofício em Belo Horizonte revelou-se um verdadeiro desafio para mim. A ausência de cursos e escolas especializadas me obrigou a buscar, por conta própria, um alfaiate disposto a me aceitar como aprendiz, algo que por si só já exigia persistência. Com o tempo, percebi que, no país, são raros os profissionais que dominam todas as etapas da modelagem e da confecção das peças de forma completa. Na época, existia apenas uma escola especializada nesse ensino: o Projeto Sob Medida, localizado em São Paulo, fundado pela Associação dos Alfaiates do estado (atualmente, o curso se encontra fechado). Essa escassez de formação formal contribui para a dificuldade de acesso ao conhecimento técnico aprofundado no campo da alfaiataria.

Na Inglaterra, foram criadas diversas escolas especializadas no ensino da alfaiataria com o objetivo de preservar o ofício e transmitir seus saberes tradicionais. A *Savile Row Bespoke Association* destaca, em seu site oficial, a importância da formação estruturada e do sistema formal de aprendizagem como base para a atuação nos ateliês da histórica Savile Row. Em parceria com a *London Academy of Bespoke*, a associação mantém um programa que articula preparação técnica e prática profissional, exigindo que as casas membros empreguem aprendizes, assegurando que a transmissão do saber artesanal ocorra de maneira rigorosa e contínua, conforme descrito pela própria associação. Somente após essa base teórica e técnica os aprendizes seguem para o aprendizado prático, vivenciando diretamente a rotina e os detalhes do ofício no ambiente profissional.

Ao continuar buscando mestres dispostos a ensinar o ofício da alfaiataria, cheguei ao centro de Belo Horizonte, onde encontrei o Edifício Maia, um prédio comercial localizado na rua Espírito Santo, no Centro, conhecido por abrigar diversos pequenos ateliês dedicados à alfaiataria. Foi nesse ambiente rico em saberes tradicionais que conheci o Senhor Higino, um alfaiate experiente que se dispôs a me receber como aprendiz. A partir desse encontro, iniciou-se não apenas um processo de aprendizagem prática, mas também uma imersão em um universo de técnicas, histórias e relações que moldaram sua compreensão do ofício com uma identidade nacional.

Aos 79 anos, o Sr. Higino trabalhava sozinho, realizando todas as etapas da produção das peças que vendia. Começou como aprendiz aos treze anos. Após o falecimento do pai, cada um dos seus três irmãos também passou a trabalhar em um ofício diferente para ajudar a mãe no sustento da família. As técnicas que ele utilizava eram fortemente influenciadas por processos industriais, com o objetivo de reduzir custos e agilizar a produção. Os moldes não eram criados a partir de uma modelagem original, mas adaptados de bases semiprontas, conforme as medidas do cliente. Os materiais utilizados, em geral, eram de baixa qualidade. Ainda assim, sob sua orientação, aprendi a confeccionar camisas, calças e até mesmo paletós, seguindo seus métodos de trabalho.

Ao contrário da Inglaterra e da Itália, onde há uma vasta tradição editorial dedicada à alfaiataria, no Brasil existem poucas publicações sobre o tema, o que torna ainda mais difícil a preservação e a transmissão dos saberes desse ofício. Diante dessa escassez, segui firmemente em minha trajetória de aprendizado, valorizando o contato direto com os oficiais experientes. Em uma busca contínua de alfaiates dispostos a compartilhar seus conhecimentos, mergulhei cada vez mais no universo do ofício por meio da observação, da prática e do diálogo com mestres de diferentes trajetórias. Essa caminhada proporcionou uma base sólida e diversa, que combina técnicas tradicionais e adaptações contemporâneas a um olhar crítico-social sobre o ofício. Em 2016, abri meu próprio ateliê, a Toffanetto Alfaiataria, um espaço onde pude não apenas aplicar o que havia aprendido, mas também desenvolver uma linguagem autoral, unindo saberes artesanais, pesquisa de materiais e experimentação estética.

Mesmo após abrir meu ateliê, segui investindo na formação contínua, participando de cursos, aulas e pesquisas que aprofundassem meu conhecimento técnico e conceitual. Essa busca constante pelo aperfeiçoamento tem como objetivo oferecer aos meus clientes não apenas uma peça sob medida, mas também a compreensão do que é, de fato, a alfaiataria artesanal de qualidade – um processo cuidadoso, rico em detalhes e profundamente

conectado com a tradição e a individualidade de cada corpo. Ao longo do meu desenvolvimento profissional, pude observar gradativamente o crescimento do mercado de alfaiataria no país. Esse movimento se deu, principalmente, pelo aumento da preocupação do homem contemporâneo com sua imagem e pelo uso das peças de alfaiataria pelas mulheres. Com isso, muitas alfaiatarias começaram a surgir e diversos empresários passaram a investir no conceito de alfaiataria como forma de agregar valor aos seus produtos.

Alguns fornecedores voltaram a disponibilizar matéria-prima importada e insumos voltados ao processo artesanal no Brasil, o que representa um avanço importante para a alfaiataria tradicional. No entanto, os profissionais realmente qualificados ainda são escassos. Apesar da variedade de cursos virtuais disponíveis atualmente, a formação prática (essencial para o domínio da alfaiataria) deixou de ser realizada de forma consistente. O resultado é uma geração de alfaiates que se forma com uma base incompleta, muitas vezes sem o contato direto com os saberes tradicionais que só a vivência e a experiência ao lado de mestres podem transmitir.

Apesar do crescente discurso de valorização da figura do alfaiate, o verdadeiro oficial, aquele que domina o ofício e executa, de fato, o trabalho artesanal, ainda não é devidamente reconhecido. Muitos empresários e vendedores se apropriam do prestígio associado ao nome “alfaiate” para agregar valor às suas marcas e produtos, mas essa valorização raramente se estende aos profissionais que estão por trás das peças. Esses alfaiates continuam escondidos em ateliês, muitas vezes trabalhando em condições precárias e com salários baixos, sem o devido reconhecimento por sua técnica, experiência e contribuição essencial à manutenção da tradição artesanal.

Nos últimos anos, muitos alfaiates brasileiros passaram a adotar a distinção entre os termos “Bespoke” e “sob medida”, seguindo a linha de raciocínio de ingleses e italianos. No entanto, os mestres antigos da alfaiataria no Brasil não reconhecem essa separação conceitual. Para eles, o termo “sob medida” sempre representou o ofício artesanal em sua essência, com todas as etapas feitas manualmente, de forma personalizada e exclusiva para cada cliente. Por essa razão, neste texto, optei por tratar a alfaiataria artesanal tradicional não como Bespoke, mas sim como “sob medida”, valorizando a forma como esse saber foi historicamente construído e transmitido em nosso país.

Diante desse cenário, é fundamental valorizar os saberes e tradições que formam a base da profissão de alfaiate no Brasil. Trata-se de um ofício marcado por práticas transmitidas oralmente, pelo corpo e pelo fazer, em um processo que atravessa gerações. O vocabulário próprio da alfaiataria e seus costumes revelam uma cultura profissional rica e enraizada, em que alguns termos específicos chamam a atenção – tais como “puta merda”, o acabamento interno dos bolsos do paletó, e “cachaceira”, a peça de entretela que faz o acabamento interno do degolo traseiro, entre outros – criando um glossário reconhecido apenas pelos que atuam no ofício e tiveram o conhecimento transmitido através da experiência passada por gerações.

Portanto, reconhecer a importância da alfaiataria é afirmar o valor do conhecimento manual; preservar esse ofício significa proteger um patrimônio cultural que integra a identidade brasileira, fortalecendo a continuidade de um saber que resiste às transformações do tempo e ainda encontra relevância nos dias de hoje.

Mulheres na alfaiataria contemporânea: divisão do trabalho e relações de gênero no ofício

A organização do trabalho na alfaiataria preserva, até os dias atuais, traços estruturais estabelecidos com o surgimento das corporações de ofício, as guildas, na Europa entre os séculos XII e XV. A divisão do trabalho na alfaiataria é tradicionalmente estruturada em etapas bem definidas, cada uma exigindo habilidades específicas e, muitas vezes, desempenhada por profissionais diferentes dentro da oficina. Esse sistema colaborativo garante a precisão e a qualidade das peças confeccionadas.

Em minha experiência, ao longo de treze anos estudando e atuando com alfaiataria em Belo Horizonte, pude observar que a divisão do trabalho no contexto mineiro apresenta especificidades próprias. Embora mantenha a lógica tradicional de hierarquização e especialização do ofício, a prática local revela adaptações às dinâmicas contemporâneas dos ateliês, nas quais as funções tendem a ser mais flexíveis e, muitas vezes, concentradas em um número reduzido de profissionais, redefinindo as fronteiras entre corte, modelagem, montagem e acabamento.

Segundo a tradição do ofício, o processo começa com o mestre de corte, figura central na alfaiataria, responsável por interpretar o desejo do cliente, tirar as medidas, elaborar o molde e cortar o tecido, seu trabalho determina o caimento e a estrutura do traje. Para estar nesse cargo, o oficial precisa compreender todas as etapas de produção da peça, sendo considerado um oficial completo. Depois, entram em cena os oficiais, cada um exercendo uma função específica: calceiro, camiseiro, coleiteiro, buteiro (responsável pelos consertos e ajustes de peças externas ao trabalho realizado no ateliê), proveiro (prepara a frente do paletó) e acabador (responsável por fechar a peça, aplicando mangas e gola do paletó). Alguns ateliês mantêm a tradição de um oficial responsável pelos acabamentos, como casas de botões e bordados. Há também os aprendizes, que, além de aprender o ofício, desempenham funções auxiliares, como alinhar peças, preparar materiais e observar os mestres em ação. Com o tempo e a prática, esses aprendizes vão assumindo responsabilidades mais complexas dentro da cadeia produtiva.

No contexto atual, é possível identificar uma nova configuração na divisão do trabalho na alfaiataria. Observa-se, em muitos casos, a figura do empresário como proprietário do ateliê e responsável pelas vendas, autointitulando-se “mestre” mesmo sem dominar integralmente os processos técnicos do ofício. O mestre alfaiate, por sua vez, passa a ocupar frequentemente a posição de funcionário, atuando, sobretudo no corte e exercendo controle parcial sobre as etapas produtivas desenvolvidas no ateliê. Muitos profissionais executam suas tarefas em casa, e não em um espaço coletivo de trabalho, o que fragmenta ainda mais o processo. Essa configuração fragiliza a relação entre mestre e aprendiz, uma vez que a fragmentação do trabalho e a dispersão dos profissionais dificultam a convivência cotidiana no ateliê – espaço historicamente fundamental para a formação no ofício.

Na hierarquia do trabalho na alfaiataria, as mulheres tradicionalmente ocupam posições específicas, geralmente relacionadas à confecção de peças como coletes e camisas, além de atuarem na etapa de acabamentos. Essas funções, embora fundamentais para a qualidade final das peças, costumam ser vistas como auxiliares em relação aos cargos mais valorizados, como o de mestre de corte, que historicamente é ocupado majoritariamente por homens.

A princípio, acreditei que a barreira de gênero na alfaiataria já tivesse sido superada. A professora do curso que realizei na Inglaterra era mulher e, durante uma visita à Savile Row, observei mulheres ocupando funções com destaque e competência. Na Inglaterra, a alfaiataria deixou de ser um ofício exclusivamente masculino e hoje é possível encontrar cada vez mais mulheres atuando na área, seja como aprendizes, oficiais plenamente capacitadas ou mesmo liderando equipes – inclusive, uma das alfaiatarias mais renomadas da região tem como mestre de corte justamente uma mulher, o que sinaliza mudanças importantes no cenário da profissão.

Portanto, acreditei que a barreira do preconceito de gênero na alfaiataria já havia sido superada. No entanto, ao me aprofundar nos estudos e nas conversas com outros aprendizes, concluí que a realidade ainda é marcada por diversos episódios de misoginia no ambiente de trabalho. A divisão do trabalho na alfaiataria brasileira se manteve próxima à tradicional, embora a presença feminina no ofício fosse ainda bastante rara. Enfrentei grande resistência para aprender o ofício, e só me aceitaram como aprendiz após demonstrar que eu já possuía algum conhecimento prévio sobre a alfaiataria artesanal.

Durante esse processo, já no Brasil, tentaram me dissuadir, alegando que a profissão não era lucrativa e que eu deveria desistir. Embora tenha sido aceita como aprendiz pelos alfaiates do primeiro ateliê que trabalhei (2012) a outra mulher que trabalhava no espaço, responsável por ajustes e acabamentos, ainda não era considerada alfaiate, apesar de executar as mesmas tarefas que os outros oficiais.

Apesar dos avanços e da presença crescente de mulheres no ofício – mudança que tem ajudado diretamente em sua permanência –, persistem atitudes discriminatórias e resistência por parte de alguns colegas e mestres, revelando que a equidade de gênero nesse ofício ainda é um desafio a ser plenamente conquistado.

Nos últimos anos, é possível observar um aumento significativo da presença de mulheres na alfaiataria no Brasil. Muitas delas são jovens com formação superior que, ao se apaixonarem pelo ofício, decidiram buscar o aprendizado técnico e mergulhar no universo da costura sob medida. Com esse conhecimento e visão ampliada, elas têm criado seus próprios ateliês, espaços onde não apenas desenvolvem seu trabalho autoral, mas também buscam empregar e valorizar outras mulheres que sempre estiveram presentes no ofício sem o devido reconhecimento.

Essas mulheres identificam, igualmente, no ambiente acadêmico uma possibilidade de consolidar sua atuação profissional, ao mesmo tempo em que produzem, compartilham e difundem saberes relacionados ao ofício. Como a professora Doutora em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais FAE/UFMG Juliana Barbosa, cuja pesquisa e atuação profissional tem contribuído para o campo de estudos sobre a alfaiataria ao investigar os modos de aprendizagem e transmissão de saberes desse ofício tradicional no Brasil. Com a intenção de resgatar e fortalecer a transmissão tradicional do ofício da alfaiataria, em 2013, em Belo Horizonte, Barbosa desenvolveu um projeto de extensão na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG), com o objetivo de fortalecer a transmissão tradicional da alfaiataria por meio da inserção de aprendizes diretamente nos ateliês de mestres alfaiates.

A iniciativa articulou prática profissional e formação acadêmica, segundo Barbosa (2016). A liberdade metodológica atribuída aos mestres resultou em percursos formativos

distintos entre os aprendizes, evidenciando níveis variados de desenvolvimento. Alguns se sobressaíram em relação ao grupo, refletindo o ritmo, as exigências e a condução pedagógica estabelecidos por cada alfaiate. Embora tenham permanecido na condição de aprendizes e por um período relativamente breve de formação, os conhecimentos adquiridos foram de grande relevância, contribuindo significativamente para complementar e ampliar sua formação profissional. Tive contato direto com alguns desses alunos durante seus processos como aprendizes, o que me permitiu observar que tal processo não contribuiu apenas para o aprendizado dos alunos, mas também fortaleceu a autoestima dos alfaiates envolvidos, ao valorizar seus saberes e reconhecer sua experiência profissional.

A pesquisa “Mulheres na alfaiataria – da invisibilidade às alfaiatas no design de moda contemporâneo” (2021), de Valdirene Aparecida Vieira Nunes, investiga a presença de mulheres em um campo historicamente associado ao trabalho masculino. O estudo discute a invisibilização dessas profissionais ao longo do tempo e evidencia a atuação de alfaiatas no design de moda contemporâneo. Como parte da pesquisa, fui entrevistada, e a partir da leitura do estudo compreendi a importância de alfaiates atuantes no ofício relatarem diretamente sua relação com a profissão, seus métodos de trabalho e seus ateliês, evidenciando a realidade do ofício a partir da perspectiva de quem o pratica.

Motivada pelo desejo de perpetuar os saberes do ofício e expandir sua transmissão para além do meu ateliê, desenvolvo, por meio de trabalhos artísticos nas Artes Plásticas, obras que conduzem aos espaços de arte a essência da alfaiataria artesanal e seus processos, ressaltando gestos, técnicas e conhecimentos que estruturam essa prática secular. Em minha pesquisa de mestrado, produzi obras que resultaram na exposição Retrato Sob Medida (2016), a qual investiga, por meio da linguagem das Artes Visuais, as relações entre corpo, medida, memória e os processos da alfaiataria artesanal.

A presença das mulheres na alfaiataria apresenta não apenas uma ampliação de participação em um ofício historicamente masculinizado, mas também uma transformação nas formas de produzir, ensinar e significar essa prática. Ao ocuparem ateliês, salas de aula e espaços de pesquisa, essas profissionais tensionam estruturas tradicionais, reivindicam reconhecimento técnico e reconfiguram hierarquias consolidadas ao longo dos séculos.

Costuras finais

A análise da alfaiataria entre Savile Row e Belo Horizonte revela que o ofício, longe de constituir uma tradição fixa, é um campo de negociações simbólicas e materiais em constante transformação. A forma clássica do terno, entendida como “escultura moral” do corpo masculino moderno, evidencia não apenas a precisão técnica, mas também a inscrição de um ideal disciplinar e colonial que se consolidou como modelo de civilidade. No entanto, ao atravessar o Atlântico e se inscrever no contexto brasileiro, essa estética sofre desvios e reinvenções que deslocam o eixo do discurso.

No Brasil, o fazer do alfaiate se hibridiza, adapta-se às condições locais e reconfigura os sentidos do ofício. Entre a escassez de materiais e a inventividade cotidiana, emerge uma produção que traduz a herança europeia em gesto criativo, revelando uma outra temporalidade: periférica, artesanal, resistente. Essa diferença não deve ser compreendida como ausência de modernidade, mas como elaboração própria, que reinscreve a tradição em diálogo com as condições históricas e sociais do país.

Nesse processo, é fundamental reconhecer também a presença das mulheres na alfaiataria, cuja atuação é muitas vezes apagada pela narrativa masculina do ofício, mas que sustentam e reinventam suas práticas. Seja nas costureiras, modelistas ou criadoras que tensionam os limites entre o fazer artesanal e o artístico, as mulheres introduzem outras medidas, outros modos de cortar e pensar o corpo. Sua atuação reconfigura a própria ideia de quem pode ocupar o espaço do ateliê, desestabilizando a divisão de gênero que separou, historicamente, o alfaiate da costureira. Assim, a alfaiataria se amplia como território plural, onde diferentes corpos e experiências se inscrevem na trama do ofício.

Mais do que um percurso linear entre Londres e Belo Horizonte, trata-se de um espaço de tensões, traduções e ressignificações. A experiência inglesa, marcada pelo prestígio e pela preservação do artesanal, contrasta com a prática brasileira, onde o trabalho manual é atravessado por desigualdades e pela pressão industrial. Contudo, é justamente nesse contraste que se costuram novas possibilidades: o encontro entre o artesanal e o contemporâneo, entre o gesto e a mercadoria, entre o corpo e a história.

Pensar o futuro da alfaiataria, portanto, implica costurar essas temporalidades e corpos sem hierarquizá-los, reconhecendo as memórias, resistências e invenções que habitam o ofício. A genealogia da alfaiataria não é um fio contínuo que parte da Europa rumo à periferia, mas uma trama viva de cruzamentos, deslocamentos e reaparições. É nesse tecido de multiplicidades, onde também se entrelaçam as mãos femininas e suas formas de fazer, que se pode compreender a força contemporânea da alfaiataria: um fazer que, ao mesmo tempo em que guarda o passado, reinscreve-se em novas superfícies e corpos, reinventando continuamente a própria ideia de tradição.

Referências

BARBOSA, Juliana. A alfaiataria e sua particular transmissão de ensino. In: **Actas de Diseño**, vol. 21, pp. 165–168, Universidad de Palermo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/6c946890-99c1-42e3-9958-7ff7f56db745/content>. Acesso em: 1 mar. 2026.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 165-199. (Obras escolhidas, v. 1).

CANO, Rubén López.; OPAZO, Úrsula San Cristóbal. **Investigación artística en música: problemas, métodos, experiencias y modelos**. Barcelona: Fonca-Esmuc, 2014.

CUNHA, Luiz Antonio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: evolução do traje moderno**. Tradução de Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

NUNES, Valdirene Aparecida Vieira. **Mulheres na alfaiataria**: da invisibilidade às alfaiatas no design de moda contemporâneo. 2021. Tese (Doutorado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216148>. Acesso em: 2 mar. 2026.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 83–93, 2017. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v7i2p83-93. Disponível em: <https://revistas.usp.br/aspas/article/view/137980>. Acesso em: 01 jul. 2025.

SAVILE ROW BESPOKE ASSOCIATION. SRBA apprentice scheme: **Information about apprenticeships and Savile Row training bespoke tailoring training**. London, [s.d.]. Disponível em: <https://www.savilerowbespoke.com/information-about-apprenticeships-and-savile-row-training-bespoke-tailoring-training/srba-apprentice-scheme/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHERWOOD, James. **Savile Row**: the master tailors of British Bespoke. 1. ed. London: Thames & Hudson, 2010.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPG UEMG) pelo acolhimento institucional, bem como à bolsa ProBPG/UEMG – Mestrado (2024–2025), cujo apoio foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Revisor do texto: Loque Arcanjo, Doutor em História, Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. E-mail: loque.arcanjo@uemg.br